

A CONTRIBUIÇÃO DA EPISTEMOLOGIA DE BACHELARD PARA A QUESTÃO DA OBJETIVIDADE HISTÓRICA

Marly Bulcão Lassance Neto
Departamento de Filosofia — UFRJ

INTRODUÇÃO

O pensamento de Gaston Bachelard é de grande importância no campo da Epistemologia, pois contribui com novas categorias permitindo, assim, uma compreensão mais profunda das ciências contemporâneas. Enquanto as Filosofias das Ciências tradicionais se mostravam inadequadas ao “novo espírito científico”, não conseguindo explicar as revoluções que estavam ocorrendo no seio das ciências da natureza, o pensamento bachelardiano refletia estas transformações, mostrando que o progresso das ciências se faz descontinuamente e seu desenvolvimento não pode ser regido por princípios absolutos e imutáveis.

Como Bachelard se preocupou apenas com a análise das ciências físico-químicas, não utilizando suas categorias em uma epistemologia das Ciências Humanas, consideramos que, aplicá-las à História, tentando elucidar seus problemas e o trabalho do historiador, poderia trazer importantes contribuições.

Pretendemos abordar a questão da objetividade histórica, que, como mostra W. H. Walsh, é de importância central na Filosofia Crítica da História.

Num texto publicado em 1896 para os membros do Conselho da Cambridge University Press, Acton diz:

“É uma oportunidade única registrar da maneira mais útil para o maior número, a abundância de conhecimentos que o século XIX está em vias de legar... Não podemos ter nesta geração a história definitiva, mas podemos dispor da história convencional e mostrar o ponto a que chegamos entre uma e outra, agora que todas as informações estão ao nosso alcance e que cada problema tem possibilidade de solução”.¹

Quase sessenta anos depois Sir George Clark publica um artigo na mesma revista “Cambridge Modern History”, comentando a convicção de Acton de que um dia seria possível produzir “a história definitiva” e, acrescenta em seguida:

“Historiadores de uma geração posterior não parecem desejar qualquer perspectiva desse tipo. Eles esperam que seu trabalho seja superado muitas e muitas vezes. Eles consideram que o conhecimento do passado veio através de uma ou mais mentes humanas, foi “processado” por elas e portanto não pode compor-se de átomos elementares e impessoais que nada podem alterar... A pesquisa parece ser interminável, e alguns eruditos impacientes refugiam-se no ceticismo, ou pelo menos na doutrina segundo a qual, desde que todos os julgamentos históricos envolvem pessoas e pontos de vista, um é tão bom quanto o outro, e não há verdade histórica “objetiva”².

Estes dois textos vêm demonstrar que, assim, como a História se transformou, aprimorando seus instrumentos metodológicos e precisando seu conceito, a noção de objetividade histórica também sofreu modificações, sendo necessário se repensar o problema a partir de uma nova perspectiva epistemológica.

Nosso objetivo será, portanto, repensar a questão da objetividade histórica a partir das categorias de Bachelard, tentando ver se a noção bachelardiana de objetividade seria adequada para elucidar o trabalho do historiador contemporâneo.

Como são muitas as correntes em Epistemologia da História e poderia haver o risco do trabalho se perder em generalidades resolvemos delimitá-lo, abordando a Escola dos Anais, que foi um movimento de renovação cultural no campo da crítica histórica e mais especificamente, voltando nossa análise para Fernand Braudel, que é um dos mais importantes representantes desta escola na atualidade. Sua obra orientou os historiadores para o estudo das estruturas, contribuindo para a modificação do significado da História e da postura do historiador.

Vamos portanto, analisar a noção bachelardiana de objetividade para em seguida tentar mostrar sua adequação ao campo da História, tomando como base as colocações feitas por Braudel sobre o trabalho do historiador contemporâneo.

O PENSAMENTO DE GASTON BACHELARD

A importância de Bachelard não foi reconhecida de início, tendo seu pensamento encontrado certa resistência por parte dos intelectuais franceses da época. Conforme diz Dominique Lecourt: “A obra de Bachelard vem de uma longa noite”.

Quando surgiu a epistemologia bachelardiana, três grandes correntes dominavam o ambiente intelectual francês. Havia o

espiritualismo que era uma doutrina idealista, cujo objetivo era combater o materialismo dos filósofos iluministas. Tratava-se de um idealismo filosófico que se modificava através de seus pensadores, mas cujas idéias básicas eram as mesmas; exaltava o espírito e os valores morais e via no ato espontâneo da consciência um acesso ao absoluto. Nessa época aparecia também na França o pensamento de Emile Meyerson que muita influência teve nas universidades francesas. Voltado para uma análise da atividade científica, Meyerson defendia a tese de que a razão possuía princípios absolutos segundo os quais procedia para compreender o real e sendo assim o progresso das ciências se fazia de forma contínua. Ao lado dessas filosofias havia ainda a tradição positivista, que era bem forte na ocasião. O positivismo afirmava que o único conhecimento verdadeiro era o científico, negando a validade dos conhecimentos filosóficos e teológicos. As verdades científicas eram verificáveis e objetivas, o que levava a afirmação de que o progresso da ciência se fazia por acúmulo de conhecimento, havendo uma continuidade entre o conhecimento comum e o científico, conforme ficava demonstrado pela lei dos três estados.

Numa tentativa de elaborar uma epistemologia adequada ao “novo espírito científico” que pudesse apreender as transformações que estavam ocorrendo na ciência contemporânea, Bachelard faz uma crítica ao que ele denominou de “filosofias do imobilismo”, que defendendo um progresso contínuo da ciência admitia uma razão substancialista que conservava uma estrutura invariável e evoluía baseada sempre nos mesmos princípios. Essas “filosofias do imobilismo” mostravam-se como sistemas fechados e acabados e por isso estavam impossibilitadas de compreender as transformações que ocorriam no interior do racionalismo. Através da categoria de ruptura Bachelard vai explicar o desenvolvimento e progresso das ciências, mostrando que o conhecimento científico evolui através de retificações e reorganizações do saber. Para ele todo saber é constantemente reconstruído e essa reconstrução se faz através da ruptura com o saber do passado. As novas teorias científicas vieram demonstrar que a estrutura da razão é variável e que o racionalismo evolui, criando suas próprias normas. Em “O Novo Espírito Científico” Bachelard afirma:

“A partir de Euclides e durante dois mil anos, a geometria recebe, sem dúvida, acréscimos numerosos, mas o pensamento fundamental permanece o mesmo e pode-se crer que este pensamento geométrico fundamental é o fundo da razão humana. É sobre o caráter imutável da arquitetura da geometria que Kant funda a arquitetura da razão. Se a geometria se divide, o kantismo não pode ser salvo senão inscrevendo os princípios da divisão na própria razão, senão abrindo o racionalismo”³.

É fundamental ressaltar o alcance epistemológico dessa tese bachelardiana. Como mostra G. Canguilhem em seu livro "Hommage à Gaston Bachelard", o erro passa a ter uma função positiva na epistemologia de Bachelard, onde a ignorância não é uma lacuna e o erro um acidente lamentável. A ciência se constitui pela crítica e ao longo de seu processo as verdades vão surgindo de erros retificados. Com efeito, para Bachelard a mais essencial função do sujeito é se enganar sendo o erro a mola propulsora do progresso da ciência.

É importante ressaltar ainda mais um ponto de oposição da epistemologia bachelardiana em relação às filosofias da época e onde a categoria de ruptura tem também um papel primordial. A tese de continuidade entre o conhecimento comum e o científico defendida pelo positivismo vai ser contestada por Bachelard, que afirmando a ruptura entre o saber imediato e a ciência, vai mostrar que a evidência primeira nunca é uma verdade fundamental e que o saber científico se constrói contra o imediato. Por isso em todas as circunstâncias o imediato deve dar lugar ao construído para que o conhecimento se torne mais científico.

Para uma compreensão melhor da dinâmica do racionalismo contemporâneo é fundamental a categoria bachelardiana de racionalismo aplicado. Através dessa categoria podemos compreender a relação intrínseca que Bachelard estabelece entre razão e experiência. A ciência anterior admitia que todo conhecimento científico devia ser aplicado, na medida em que só considerava válido um conhecimento que fosse experimentado. No racionalismo bachelardiano o sentido de aplicação é diferente, pois antes mesmo de serem experimentados, os conceitos devem conter as condições de sua aplicação. Como mostra Bachelard, a idéia não é sumário da experiência, ela é um programa que contém em si, as determinações de sua aplicação. Assim cada noção deve ser provada em dois sentidos: o teórico e o técnico, pois nela estão as determinações teóricas que a explicam e as determinações técnicas que a aplicam. O racionalismo aplicado supõe uma razão evolutiva, que desdobrando suas noções, modifica seus princípios básicos, fazendo progredir a ciência. Daí a importância do racionalismo aplicado para a compreensão do aspecto dinâmico e descontínuo da ciência.

Depois da exposição de algumas teses fundamentais do pensamento bachelardiano passaremos em seguida a análise da noção de objetividade, que partindo destas teses vai tomar uma configuração bastante diferente a partir de Bachelard.

A NOÇÃO DE OBJETIVIDADE EM BACHELARD

A noção bachelardiana de objetividade se apóia em duas teses de sua epistemologia: a do aproximacionismo e a da construção do objeto científico.

Para Bachelard o conhecimento é essencialmente aproximado e a ciência se conduz através de aproximações sucessivas sem nunca atingir o real. Essa tese do aproximacionismo não era nova, tendo sido defendida por vários pensadores como, por exemplo, Duhem que a apresentava em um dos capítulos de seu livro "Teoria Física". A originalidade de Bachelard está em radicalizar essa posição, fazendo dela o eixo central e sua epistemologia. Bachelard vai mostrar que a ciência contemporânea inaugurou uma nova era, a da segunda aproximação, na medida em que retificou os conceitos das teorias anteriores e instituiu novas técnicas, chegando assim a uma nova forma de abordagem do real. A ciência anterior só conhecera a primeira aproximação e foi preciso uma mudança no corpo de determinações conceituais e técnicas para que se chegasse a uma perspectiva de segunda aproximação. Para Bachelard não há continuidade entre as duas ordens de aproximação e só se chega ao modelo da ciência contemporânea através da ruptura com a primeira ordem de aproximação que caracterizava a ciência clássica. Conforme diz Bachelard:

"O que caracteriza uma ordem de aproximação é um corpo de determinações técnicas e conceituais, materiais e ideais"⁴.

Essa tese do aproximacionismo é importante para a noção de objetividade em Bachelard, na medida em que leva a uma ontologia dispersa completamente diferente da ontologia absoluta que servia de fundamento à ciência clássica. Em lugar de uma única ontologia temos que distribuí-la em vários níveis conforme as ordens de aproximação.

Defendendo a tese da construção do objeto científico, Bachelard vai mostrar que a ciência atual se caracteriza por uma nova perspectiva na medida em que ela substitui a observação dos fenômenos pela elaboração de objetos de pensamento. Analisando as teorias físicas e químicas modificamos nossos juízos sobre o caráter direto e imediato do objeto e chegamos a conclusão de que o pensamento científico contemporâneo constrói o seu objeto. Isto significa dizer que para Bachelard, os fenômenos científicos não estão na natureza, sendo necessário constituí-los ou construí-los. Bachelard recorre a inúmeros exemplos para demonstrar sua tese da construção do objeto científico. O corpúsculo estudado pela microfísica, por exemplo não é um dado que está na natureza a espera de ser observado, o corpúsculo é um resultado, na medida em que só pode ser apreendido quando construímos uma experiência para isso. Não tem sentido atribuir um estatuto ontológico ao corpúsculo, pois ele é definido em uma organização racional da experiência. Diz Bachelard:

"Com efeito, não se pode verdadeiramente dizer que os corpúsculos sejam um ponto dado... Nem sequer podemos dizer que os corpúsculos são dados ocultos. Temos que inventá-los e não descobri-los"⁵.

A Química também dá provas da construção do seu objeto. O mundo do químico não está exposto a sua frente, sendo necessário constituí-lo. Bachelard vai mostrar que as substâncias químicas adquiriram hoje o estatuto da ontologia técnica e em lugar de se tentar classificar elementos existentes, trabalha-se sobre planos racionais, tentando multiplicar as possibilidades de criação. Conforme afirma Bachelard:

"A Química é a ciência das transformações e das criações materiais"⁶

E mais adiante ele acrescenta:

"É necessário existir corpos que não existem"⁷

As teses do conhecimento aproximado e da construção do objeto científico implicam numa retificação da noção de objetividade, pois repercutem na noção de "dado" que era o fundamento da objetividade da ciência clássica. Para o positivismo a noção de objetividade estava calcada na idéia de "dado". O "dado" era aquilo que podia ser apreendido pela experiência e a objetividade era definida como a identidade entre o pensamento e a experiência, estando fundada, portanto na existência de uma realidade objetiva. Na epistemologia bachelardiana a noção de "dado" perdeu todo sentido. O fenômeno não é um dado e sim um resultado. Conforme mostra Bachelard:

"A noção filosófica de dado é muito imprópria para caracterizar o resultado de laboriosas determinações dos valores experimentais"⁸

A objetividade não pode ser mais a identidade entre pensamento e experiência. A objetividade tem que ser conquistada e só tem sentido se falar em objetividade trabalhada, em objetividade como processo. Um conhecimento objetivo é, pois, aquele que foi objetivado. Diz Bachelard:

"O objeto não pode aparecer de imediato como objetivo"⁹

O processo de objetivação tem início com uma psicanálise do conhecimento objetivo, que segundo Bachelard, é o meio eficaz para afastar os obstáculos epistemológicos que interferem no conhecimento científico. Como o racionalismo é essencialmente dialético, são obstáculos epistemológicos as interferências que retardam o processo evolutivo do racionalismo. Tomando como base a tese da ruptura entre o conhecimento comum e o científico, Bachelard afirma que o maior e mais prejudicial obstáculo à ciência é o saber imediato. A experiência imediata se apresenta repleta de imagens, impregnada de nossas paixões e fantasias, impedindo, assim, a objetividade do conhecimento científico.

Para Bachelard, a objetividade é um resultado do racionalismo aplicado, pois é decorrente de um processo de racionalização e técnica. Ao

contrário do positivismo a objetividade não se dá no momento da experiência e sim ao longo de todo o processo de construção do conhecimento.

Antes de terminarmos o capítulo, gostaríamos de ressaltar alguns aspectos fundamentais da noção bachelardiana de objetividade que serão importantes para a discussão desta questão na História.

Em primeiro lugar, é importante para se chegar a objetividade científica que se dê a ruptura com o conhecimento imediato, afastando, através de uma psicanálise do conhecimento objetivo, os valores e as paixões inconscientes. Um outro ponto fundamental na discussão da questão é a relação da objetividade com a categoria de racionalismo aplicado, pois para se chegar a um conhecimento científico e objetivo é necessário que a construção do conhecimento se faça pela dialética do empírico e racional. Vimos em outra parte do trabalho que Bachelard afirma a progressividade do conhecimento científico e que o erro só aparece como erro ao longo desse processo. Daí a objetividade não aparecer nunca como definitiva. Em Bachelard, a objetividade deve ser revivida a cada instante, sendo necessário retificá-la quando o racionalismo na sua dialética constante revoluciona as teorias científicas. Por último é importante ressaltar o caráter social da objetividade. Em Bachelard o ideal de objetividade da ciência é social. Ele afirma a importância do caráter dialogado da ciência, pois é através da convergência dos espíritos, que trabalhando juntos num racionalismo vivo, num racionalismo discente e docente, conseguem chegar a um conhecimento científico e objetivo.

Podemos resumir tudo o que foi dito recorrendo a um texto de Bachelard, onde ele diz:

“Objetividade racional, objetividade técnica, objetividade social são, desde então, três caracteres fortemente ligados. Se esquecemos um só destes caracteres da cultura científica moderna, entramos no terreno da utopia”¹⁰

A QUESTÃO DA OBJETIVIDADE HISTÓRICA

Na segunda metade do século XIX a cultura européia foi fortemente influenciada pelo positivismo e cientificismo, que exaltando as ciências da natureza, negavam a validade das outras formas de conhecimento. O surgimento da grande lei da conservação da energia e da teoria evolucionista vieram contribuir para uma visão unitária da realidade, pois demonstravam haver uma conexão recíproca entre todos os seres do universo. Desta forma os fatos humanos entravam no mundo da natureza e o conhecimento destes, seguindo uma orientação naturalista, passava a consistir na determinação de fatos, fundamentados pela experiência e na busca de leis que descrevessem a regularidade entre fenômenos.

O clima cientificista e positivista afetou também a abordagem do fato histórico, fazendo com que a História, numa tentativa de se afirmar cientificamente, seguisse metodologicamente as ciências da natureza. O trabalho do historiador tomava como base a noção de fato histórico, passando a ser comum o uso de expressões como: "Isso está apoiado na autoridade dos fatos" ou "Os fatos falam por si", que tentavam mostrar não haver interferência de subjetividade na elaboração da História. A preocupação era mostrar que a História consistia num corpo de fatos verificados e por isso era tão objetiva como a Física ou a Química.

Existiam no século XIX duas direções que, embora se identificassem na tentativa de fazer da História uma ciência objetiva, apresentavam algumas diferenças específicas. Havia a História erudita ou empírica, cuja preocupação era o estudo de pequenas seções do passado, tendo em vista coletar o maior número de fatos históricos. Baseava-se na pesquisa do documento, tendo como objetivo extrair deste o fato que aí estava e assim anular a subjetividade do trabalho do historiador. A História erudita, embora não negasse a possibilidade de se chegar a formulação de leis gerais, relegava isto para um futuro longínquo. Ao lado da História empírica havia uma outra direção que se preocupava com uma visão geral, voltando-se para a busca de leis. Um exemplo disto é o trabalho do historiador Breysig, que conseguiu encontrar 24 leis históricas.

Apesar da orientação diferente destas duas direções seguidas pelo historiador do século XIX, alguns pontos básicos permeavam suas atitudes. Em primeiro lugar aceitavam como um dado a visão de ciência difundida pelo positivismo, que só considerava como positivo o conhecimento das ciências naturais. Além disso partiam da convicção de uma unidade metodológica que obrigava o historiador a adotar o método usado pelas ciências naturais. E o que é mais importante para a discussão central do nosso trabalho, pretendiam elaborar uma História objetiva, onde toda subjetividade fosse anulada, pois só assim a História poderia ser respeitada como uma ciência realmente positiva.

A noção de objetividade que fundamentava a historiografia da segunda metade do século XIX é a noção positivista que via na experiência a garantia e a validade de todo conhecimento. Como muito bem mostra Langlois e Seignobos a verdade histórica já estava no documento e não era fruto da interpretação do historiador:

"Colecionar é um prazer sensível, não somente para as crianças, mas também para os adultos, sejam quais forem os objetos colecionados. Decifrar enigmas, resolver pequenos problemas exatamente circunscritos, é uma ocupação atraente para muitos bons espíritos. Todo achado proporciona um divertimento; ora no domínio da erudição há inúmeros

achados a se fazerem, seja a flor da terra, seja através de quádruplos obstáculos, para os que gostem ou não gostem de brincar com dificuldades”¹¹.

Na historiografia do século passado o documento representava o empírico e o fato histórico tinha sua garantia no documento, o que fazia da História uma ciência objetiva.

No final do século XX teve início uma direção oposta, que procurava mostrar a irredutibilidade do fato histórico às ciências da natureza, propondo uma divisão entre ciências naturais e ciências culturais. Esta direção que apresentou nomes significativos como Rickert, Windelband, Riltley e Croce vai culminar no século XX numa posição anti-determinista, que é a do subjetivismo. Um de seus representantes, Collingwood coloca o historiador como referencial observador do conhecimento. Para ele os historiadores devem partir do fato ou de descrições dele, mas seu objetivo deve ser penetrar além do fato, até o pensamento que está por trás disso. Na terminologia do próprio Collingwood, os historiadores devem passar do “exterior” do acontecimento para o seu “interior”. Diz ele:

“Para a história, o objeto a ser descoberto não é o simples acontecimento, mas o pensamento nele expresso. Descobrir esse pensamento é compreendê-lo”¹²

Os subjetivistas da chamada “New History” que é uma posição surgida no nosso século negavam a possibilidade da História se tornar objetiva como as ciências da natureza, na medida em que o conhecimento histórico seria sempre o resultado de uma visão pessoal do historiador.

Os subjetivistas, ao negarem a redução do conhecimento histórico àquele das ciências naturais, respeitavam a especificidade do fato histórico e do trabalho do historiador mas negavam a possibilidade de se alcançar a objetividade histórica.

Tendo em vista as resoluções ocorridas nas ciências da natureza no século XX com o aparecimento da teoria da relatividade, da mecânica quântica e ondulatória e das geometrias não euclidianas e tomando como fundamento a análise epistemológica de Bachelard e sua noção de objetividade, gostaríamos de repensar a questão da objetividade histórica. Antes, porém, torna-se importante destacar uma posição na historiografia do século XX, que rejeitando a história positiva vai possibilitar a ampliação das fronteiras da objetividade histórica. Após a análise de algumas colocações da Escola dos Anais e mais especificamente se seu atual representante: Fernand Braudel, vamos discutir a questão da objetividade histórica a partir da noção bachelardiana de objetividade.

FERNANDO BRAUDEL E UMA NOVA CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA

Como acabamos de ver, no início do século XX dominava a historiografia uma concepção herdada do século passado denominada "história episódica que tinha por objeto estabelecer, a partir de uma crítica do documento, os fatos históricos. O papel do historiador era apreendê-los objetivamente, procurando não interferir na elaboração da ciência.

Assim como nas ciências físico-químicas, as revoluções introduzidas pelas novas teorias, vinham mostrar o surgimento de um "novo espírito científico", também em relação à história, aparecia um novo clima, na medida em que ia se tornando mais claro que a imparcialidade e a "objetividade" pretendida pelo historiador do século XIX eram um mito. A *Revue de Synthèse Historique*, fundada por Paul Lacombe e Henri Berr, veio inaugurar uma nova concepção de história que desmascarava a objetividade positivista. A mudança decisiva se deu em 1929 com a criação dos "*Annales*", que dava continuação à orientação de Berr. A Revista "*Annales*", fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch, propunha a discussão e o debate entre historiadores e cientistas sociais, estimulando, assim, o contato da história com as demais ciências que estudavam a sociedade. Nessa nova concepção de história foram incorporadas novas temáticas e novos métodos fazendo com que a ciência da história se tornasse menos rígida e superasse a perspectiva epistemológica da história tradicional. Os "*Annales*" levaram à conscientização de que o objeto da história é construído pelo historiador, através de um processo de análise e crítica, onde o historiador elabora teorias e ao mesmo tempo recorre a documentos. As palavras de Marc Bloch testemunham o que foi dito:

"Os documentos arqueológicos, mesmo os mais claros na aparência e os mais condescendentes, só falam quando se sabe interrogá-los... Por outras palavras: a investigação histórica admite, desde os primeiros passos, que o inquirido tenha já uma direção. De início está o espírito. Nunca em ciência alguma, foi fecunda a observação passiva. Supondo aliás que seja possível"¹³

Após a Segunda Guerra os "*Annales*" tiveram um impulso novo como Fernand Braudel. A importância de Braudel para uma nova concepção de história foi fundamental, na medida em que orientou os historiadores para o estudo das estruturas e dos ciclos conjunturais, mostrando que a história só pode ser feita com a colaboração das demais Ciências Sociais. O seu mérito essencial está na afirmação de que o sentido do tempo é fundamental para o historiador. Diz Braudel:

“Para o historiador, tudo começa, tudo termina pelo tempo, um tempo matemático e demiurgo do qual facilmente sorriríamos, tempo como que exterior aos homens, que os impele, os constrange, arrebatando seus tempos particulares, de colorações diversas: o tempo imperioso do mundo”¹⁴

Em seu livro *“La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l’Époque de Philippe II”*, Braudel faz uma recomendação da história em planos dispostos em degraus, concedendo lugar ao tempo geográfico, ao tempo social e ao tempo individual. Na primeira parte Braudel põe em questão uma história quase imóvel, que fala da relação do homem com o meio, uma história constituída de ciclos incessantemente recomeçados, uma história de longa duração. Na segunda parte, aborda uma história lentamente ritimada, a história dos grupos sociais. E na última parte Braudel faz uma história à dimensão do indivíduo, que narra eventos, uma história de oscilações breves, rápidas e nervosas, uma história apaixonante e rica em humanidade, mas também perigosa pois se baseia em escritos repletos de paixão e dos sonhos daqueles que a descreveram. O trabalho de Braudel apresenta uma decomposição da história onde se distingue um tempo geográfico, um tempo social e um tempo individual. A história braudeliana, fundamentada na pluralidade temporal, abrange a “história episódica”, indo além desta e mostrando que o trabalho do historiador não se restringe à pura descrição de eventos, devendo chegar ao estudo das estruturas e das conjunturas que são outros níveis do conhecimento histórico. Nas colocações e na prática histórica de Braudel está presente uma nova concepção de história, que aceita a tese da construção do objeto científico e que tem, portanto, que rejeitar a noção de objetividade como identidade entre pensamento e experiência. O pensamento de Braudel, dando prosseguimento à nova direção iniciada com os *“Annales”* veio ampliar as fronteiras da objetividade histórica.

Retomando a noção bachelardiana de objetividade, poderíamos fundamentar o trabalho do historiador atual, pois só a noção de objetividade como processo poderia ser coerente com a tese da construção do objeto científico. A objetivação se faria ao longo de todo processo de construção, através da utilização de um método, pois um fato só se torna científico quando o “fazemos” científico. Para se compreender o trabalho do historiador atual é importante a categoria bachelardiana de ruptura, na medida em que o objetivo é transcender o evento, chegando a outros níveis onde a elaboração teórica se torna fundamental dando-se assim o afastamento do dado imediato. Conforme mostra Braudel:

“O inquiridor do tempo presente só alcança as finas tramas das estruturas, sob a condição de reconstruir, ele também, de antecipar hipóteses e explicações, de rejeitar o real tal como é percebido”¹⁵

A psicanálise do conhecimento constitui o primeiro passo do processo de objetivação e é através da psicanálise que o historiador fará a ruptura, afastando os dados provenientes do conhecimento imediato e iniciando o processo de racionalização.

No processo de objetivação é fundamental a dialética do docente racional e do empírico que no trabalho do historiador se manifesta sob a forma de um argumento circular, quando o historiador recorrendo a um documento, a fim de compreender certo acontecimento do passado, sente a necessidade de inserir esse mesmo documento na seqüência de acontecimentos que ele está pretendendo conhecer e para o qual consulta o documento. Isto nos leva a conclusão de que a informação que se deseja encontrar, utilizando como meio o documento é também um "a priori", que nos faz alcançar o verdadeiro sentido do documento. É, portanto, a partir dessa dialética empírica e do racional, do documento e da teoria que se elabora o fato histórico.

Em Braudel, a proposta de uma história, escalonada em degraus também supõe a dialética do empírico e do racional, pois as idéias e conclusões obtidas num dos planos seriam, muitas vezes, os "aprioris" que orientam as observações feitas nos demais planos.

Bachelard vai mostrar que a objetividade como processo é fruto de um racionalismo docente e discente que num diálogo aberto faz progredir o conhecimento. A objetividade é, portanto, fruto de "cidade científica". Braudel também se refere ao trabalho de equipe do historiador de hoje, mostrando que só assim pode ser feita uma história de peso:

"Os historiadores começam, hoje, a tomar consciência de uma história nova que tem um certo peso... Duvido que o habitual trabalho artesanal do historiador esteja a altura das nossas ambições actuais. Apesar do perigo e das dificuldades que isso implica, não existe salvação fora dos métodos de trabalho em equipe"¹⁶.

Podemos então concluir dizendo que a objetividade na história, assim como nas demais ciências, não pode ser um dado primitivo, nem definitivo. A objetividade tem que ser conquistada, através de um processo de construção. A objetividade tem que ser trabalhada. Ela é o resultado de racionalizações e observações, não sendo garantida apenas pela experiência. Como a objetividade não é definitiva, o trabalho do historiador é um eterno recomeço e o objetivo de se chegar a uma história definitiva deixou de ter sentido.

CONCLUSÃO

A nossa pretensão foi discutir a questão da objetividade histórica sob uma nova perspectiva, tentando fundamentá-la com o pensamento bachelardiano. Não foi finalidade do trabalho esgotar a questão, procurando apenas introduzi-la, levantando algumas colocações que poderão ser aprofundadas posteriormente.

Gostaríamos de , ao finalizar, fazer uma síntese das principais características da noção de objetividade como processo, que a nosso ver, seria a noção adequada para fundamentar o trabalho do historiador. Isto facilitaria um trabalho posterior, onde aprofundaríamos mais a questão.

A noção de construção do objeto científico repudia a noção de "dado", que era o fundamento da objetividade positivista. Considerando que o historiador atual não mais se preocupa em relatar o evento, estando preocupado em torná-lo inteligível num contexto, através de um trabalho crítico de reconstrução e síntese histórica, temos que admitir que também na história a noção de "dado" perdeu seu sentido. Só a noção de objetividade como processo, que se constituiria durante todo o trabalho de elaboração do fato histórico, poderia ser adequada para fundamentar a prática do historiador.

Em primeiro lugar a objetividade como processo deve estar ligada a um método, pois ela só se faz através de um método de objetivação. Como o conhecimento é construído pelo historiador implica numa prática metódica, na qual, a própria observação e seleção de dados está fundamentada e que vai ser a garantia da objetividade.

Uma outra característica essencial da objetividade como processo é se fazer através da ruptura com o imediato. Como vimos a psicanálise do conhecimento científico vai se incumbir de fiscalizar o processo de conhecimento para que a ruptura se faça. No caso do historiador, onde a crítica é importante e a presença dos valores um dado concreto, a psicanálise do conhecimento objetivo não se preocuparia em afastar estes valores mas sim em tornar claro qual a perspectiva do historiador, para que o resultado do conhecimento não comprometa a objetividade.

A objetividade como processo, que tem início com a psicanálise do conhecimento objetivo, é o resultado de um trabalho no qual se dialtizam o empírico e o racional de forma que é impossível saber os limites de cada um. Numa dialética de razão e documento, o historiador vai no decorrer do processo garantindo a sua objetividade.

O caráter social da objetividade é muito importante, pois, como mostra Bachelard, o ideal da ciência contemporânea é social. A

ciência visa o assentimento de sábios que trabalham juntos num racionalismo dialogado: Braudel vai mostrar que o trabalho de equipe é fundamental para o historiador, ressaltando que o diálogo com as demais Ciências Sociais também é de importância capital. A convergência dos espíritos é fruto do racionalismo discente e docente.

O mais importante da noção bachelardiana de objetividade é não ser definitiva. Respeitando e exaltando a progressividade do conhecimento e a evolução do racionalismo, que jamais se fecha numa verdade, Bachelard mostra que não há distinção essencial entre verdade e erro e que somente a história faz, através da retificação dos erros passados, surgir a verdade. O trabalho do historiador também se caracteriza por um eterno recomeço, sendo necessário se reviver a todo instante o momento de objetivação. O ideal do século XIX, de se chegar à história definitiva, através do trabalho de coletar fatos históricos foi desmascarado, e a história não deixou de ser científica nem objetiva na medida em que seus resultados estão fundamentados numa nova noção de objetividade que respeita a progressividade do conhecimento científico. Nada melhor do que terminar com as palavras de Braudel, quando, falando da história de hoje, ele diz:

“Como a própria vida, a história se nos aparece como um espetáculo fugidio, movediço, feito do entrelaçamento de problemas inextrincavelmente misturado e que pode tomar alternadamente cem aspectos diversos e contraditórios”¹⁷

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston — **Essai sur la Connaissance Approchée**, 4ª ed., Paris, Vrin, 1973.
- BACHELARD, Gaston — **La Formation de l'Esprit Scientifique: Contribution à une Psychanalyse de la Connaissance Objective**, 8 ed., Paris, Vrin, 1972.
- BACHELARD, Gaston — **Le Nouvel Esprit Scientifique**”, trad. de Juvenal Hahne Junior. O Novo Espírito Científico, R. J., Edições Tempo Brasileiro, 1968.
- BACHELARD, Gaston — **L'Activité Racionaliste de la Physique Contemporaine**, trad. de Estela Canto. La Atividade Racionalista de la Física Contemporanea, Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1975.
- BACHELARD, Gaston — **Le Materialismo Rationnel**, trad. de Estela Repetto de Laguzzi e Norma Martínez Castrillón. El Materialismo Racional, Buenos Aires, Paidós, 1976.

- BLOCH, Marc — **“Apologie pour l’Histoire ou Metier d’Historien”** trad. de Maria Manuel Miguel e Rui Grácio. Introdução à História, 2ª ed., Lisboa, Publicação Europa-América, 1974.
- BRAUDEL, Fernand — **“História e Ciências Sociais”**, 3ª ed., Lisboa, Editora Presença Ltda., 1981.
- BRAUDEL, Fernand — **“Ecrits sur l’Histoire”**, trad. de J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. Escritos sobre a História, S.P., Editora Perspectiva, 1978.
- BRAUDEL, Fernand — **“La Mediterranée et le Monde Méditerranéen à l’Epoque de Philippe II”**, Paris, Armand Collin, 1949.
- CARR, E. H. — **“What is History ?”**, trad. de Lúcia Maurfício de Alverga. Que é História? R. J., Paz e Terra, 1978.
- COLLINGWOOD, R. G. — **“The Idea of History”**, 4ª ed., Oxford, 1951.
- FLAMARION Cardoso, C. — **“Os Métodos da História”**, 2ª ed., R. J., Editorial Grijaldo, 1979.
- WALSH, — **“An Introduction to Philosophy of History”**, trad. de Waltensir Dutra. Introdução à Filosofia da História, R. J., Zabiari, 1978.

NOTAS

- (1) Carr, E. H. — “Que é História? p. 11
- (2) Idem. p. 12
- (3) Bachelard, G. — “O Novo Espírito Científico”, p. 26
- (4) Bachelard, G. — “Essai sur la Connaissance Aprochée p. 126
- (5) Bachelard, G. — “La Actividad Racionalista de la Física Contemporanea p. 107
- (6) Bachelard, G. — “El Materialismo Racional” p. 39
- (7) Idem. p. 39.
- (8) Bachelard, G. — “La Actividad Racionalista de la Física Contemporanea” p. 34.
- (9) Bachelard, G. — “La Formación del Espiritu Cientifico” p. 282.
- (10) Bachelard, G. — “La Atividade de la Física Contemporanea” p. 17
- (11) Langlois, V. e Seignobos, C. — “Introduction aux Études Historiques” p. 96
- (12) Collingwood — “The Idea of History” p. 214
- (13) Bloch, M. — “Introdução à História” p. 60
- (14) Braudel, F. — “Escritos sobre a História” p. 72
- (15) Braudel, F. — “História e Ciências Sociais” p. 20.
- (16) Braudel, F. — “História e Ciências Sociais” p. 58
- (17) Braudel, F. — “Escritos sobre a História” p. 22